

Considerações sobre o luxo e a frugalidade em Rousseau

Prof. Ms. Marcos Fernandes Gonçalves¹
(Faculdade João Paulo II – Marília – SP – Brasil)
marcosfergoncalves@yahoo.com.br

Resumo: A sociedade e seus artifícios são vistos por Rousseau como obstáculos para a realização plena dos ideais de felicidade dos indivíduos. É na vida simples que existe uma possibilidade de diminuir o desconforto causado por uma existência fadada ao confronto com o estado de sociedade e, conseqüentemente, é na refutação do luxo e do supérfluo que está a possibilidade de harmonia. Em seu romance *A nova Heloisa* é possível observar sua concepção sobre uma nova maneira de se defrontar com os bens materiais oferecidos pela civilização humana com mais consciência. Na comunidade de Clarens que Rousseau apresenta, o luxo é substituído pela frugalidade e a riqueza dos homens se realiza num nível moral e se confirma provavelmente como a única maneira de se buscar a verdadeira felicidade.

Palavras-chave: Supérfluo; Luxo; Riqueza; Frugalidade; Moral.

1. Considerações iniciais

Rousseau desenvolve em sua obra considerações de fundamental importância acerca de um tema muito discutido pelos círculos filosóficos de sua época. A saber, a questão do luxo suscitou muitas críticas e apologias sobre seus benefícios e malefícios para o homem da sociedade e criou, por sua vez, um significativo antagonismo entre um modo de vida definido pelo acúmulo de bens e outro amparado pela simplicidade e pela frugalidade. Desta forma, em *A nova Heloisa*, a opção pela frugalidade como sinônimo de uma vida simples e isenta de bens supérfluos aparece como uma tentativa de amenizar e harmonizar os males do estado social. É fácil reconhecer na elaboração da crítica rousseauiana elementos que trazem à tona a eterna oposição em sua obra entre estado de natureza e estado civil. Em sua ficção não acontece diferente, a oposição entre o homem primitivo e o moderno ganha precisamente o enfoque sob a roupagem do contraste entre a simplicidade dos costumes e o cultivo do luxo². Desta forma, o elogio à frugalidade e a crítica ao luxo constituem-se elementos centrais da filosofia do genebrino desenvolvida nas inúmeras páginas do importante romance. Pode-se ainda afirmar que é essa a função da análoga obra enquanto possuidora de um caráter pedagógico: mostrar aos leitores as vantagens de se optar por uma vida simples e laboriosa distante da ociosidade ocasionada pelos excessos de comodidade gerados pelo luxo.

1 Mestre em Filosofia Política pela Universidade Estadual Paulista e professor adjunto da Faculdade João Paulo II de Marília, SP.

2 Rousseau desenvolve sua oposição entre os costumes simples e o luxo através de considerações negativas sobre a vida urbana e elogios à vida campestre: “Sa condamnation de la vie urbaine va de pair avec l’apologie de la vie rurale. C’est là encore un thème à la mode, mais parfois dissocié de la critique de la vie mondaine et des dangers de la ville” (GOULEMOT, 2008, p.18).

2. Do luxo magnificente

Na contemplação de Saint-Preux à Júlia, é possível constatar a tendência acentuada do autor ao seu ideal: “A simplicidade, a igualdade que nela vejo reinar têm um encanto que me comove e me leva ao respeito” (ROUSSEAU, 1994, p. 457). É exatamente dessa maneira que se desenvolvem a crítica e o elogio do filósofo, ou seja, é numa relação de oposição entre elementos que aos poucos o genebrino vai incutindo seu ponto de vista em relação ao tema proposto. A observação de Saint-Preux demonstra o olhar favorável de Rousseau que vê na postura simples um estreito laço com o cultivo da igualdade e da virtude presente na comunidade que se desenvolve ao redor de Júlia. Embora haja no enredo opiniões distintas por conta de uma gama de personagens, é precisamente nas observações do amante e amigo de Júlia que se pode notar o pensamento expresso de Rousseau. A crítica ao luxo acontece de forma refinada e distinta, uma vez que é manifestada a concepção de duas formas do mesmo; a saber, diferentemente do que é demonstrado no *Primeiro discurso*, é imposta uma diferença quanto ao teor e propósito acerca de seu cultivo: “Quanto ao luxo da magnificência e de vaidade, vê-se claramente apenas o que não pôde recusar ao gosto de seu pai, mesmo assim nele reconhecemos sempre o seu, que consiste em dar às coisas menos lustro do que elegância e graça”. (ROUSSEAU, 1994, p. 460). Saint-Preux, ao adjetivar o luxo, delimita-o e dá espaço à conclusão da existência de uma outra forma de luxo: aquele que se opõe ao de magnificência e de vaidade. Desta forma, a definição do luxo enquanto nocivo está associada à vaidade gerada naqueles que o detêm. Em consequência à própria vaidade gerada, é possível considerar que o luxo magnificente se presta mais ao lustro do que à utilidade, ou seja, sua função é gerar brilho e ostentação enquanto que seu oposto tem a incumbência de dar apenas elegância e graça às coisas. Sob o propósito de sustentar tão somente a cobiça do olhar de outrem sobre si, o luxo pautado no supérfluo não constitui algo necessário ao bem estar dos indivíduos, mas apenas um indicativo de distinção e *status quo* social. Sobre isso, Saint-Preux observa a posição da prima de Clara: “Não considera como supérfluo nada do que pode contribuir ao bem-estar de uma pessoa sensata, mas dá esse nome a tudo o que serve apenas para brilhar aos olhos alheios” (ROUSSEAU, 1994, p. 460). O supérfluo se afigura como algo que serve apenas para se fazer notar pelos outros e em nada se relaciona com uma necessidade real. Pelo contrário, o homem que se deixa iludir por falsas necessidades passa a viver sob e para o olhar alheio, perde sua identidade e autonomia e deixa de ser dono de si. Em consequência, o anseio por se tornar mais rico o leva a um estado de miserabilidade, pois o faz perder o que possui de mais precioso: a sua liberdade. A partir do momento que o agir tende a ser determinado em grande parte pelo julgamento de outrem, o homem

social já não é mais dono de si, isto é, não tem em seu domínio a consciência própria que o pode tornar livre. Ora, pode existir pobreza maior que perder-se a si mesmo? É possível uma tal escravidão em que se tem a própria consciência determinada pela aprovação de observadores externos? A grande crítica de Rousseau ao que se pode denominar de narcisismo social reside justamente no fato de o indivíduo, cego por seu amor próprio, não se despertar as próprias pobreza e corrupção que cria ao seu redor. Desta forma, aquele que acumula e ostentar o luxo simplesmente para se fazer notar é denominado um insensato que não consegue ver no espelho d'água a própria imagem do ser degradado em que se transformou. O luxo cria uma máscara que dá a quem a usa uma falsa noção de invulnerabilidade e beleza. Porém, à medida que o homem tem a impressão de tornar-se mais belo e forte, corrompe-se gradativamente tornando-se mais fraco e dependente de outrem. Os ornamentos proporcionados pelos requintes sociais não são capazes de isentar o indivíduo de sua dependência em relação aos outros homens, pelo contrário, estreitam ainda mais o grau de dependência a que se subordina desde que constituiu os liames da civilização. A magnificência adquire um caráter nocivo a quem a cultiva, pois impele sempre o sujeito a uma condição de passividade e receptividade sempre atenta às interferências do outro. Em outras palavras, já não se vive mais para si mesmo, mas para aqueles que compreendem seu círculo social.

É estabelecida assim uma explícita definição do que caracteriza o supérfluo, dando-lhe o sinônimo daquilo que não tem uma utilidade concreta. Com isso, o luxo magnificente e de vaidade está vinculado a uma má intenção, um desejo egoísta e insensato de se fazer notar socialmente pela posse de determinado bem. No *Primeiro discurso*, aparece claramente a associação do luxo à vaidade humana: “Tal é o luxo, [...] nascido da ociosidade e da vaidade dos homens” (ROUSSEAU, 1999, p. 205). Por outro lado, o luxo aprovado é aquele concordante com o conforto e o bem-estar, isento da preocupação de se fazer perceber pelos demais pela exuberância de sua pompa; atento a isso, prossegue Saint-Preux sua descrição da casa cuidada pela senhora de Wolmar: “encontramos em sua casa o luxo do prazer e da sensualidade sem refinamento nem indolência” (ROUSSEAU, 1994, 460). A ausência de uma atitude que dê vazão à indolência e ao refinamento demonstram uma espécie de luxo bem distinta daquela tomada sob a simples forma de supérfluo. Há nessa opção o zelo de se distinguir entre o que é exagerado e o que comporta o prazer e o bem estar-bem com equilíbrio e temperança. O luxo que se presta ao bem-estar da pessoa está isento da mácula do amor-próprio e não é responsável pela eclosão do egoísmo na sociedade. Júlia, ao prezar pelo conforto de sua família, não tem a intenção de despertar elogios do olhar alheio e não pratica sua ação como uma simples manobra de desejos supérfluos incontidos. Quanto ao luxo magnificente,

seu cultivo é realizado de forma exagerada aguardando, amiúde, a admiração do outro e nunca, em primeira instância, o bem-estar próprio. O fato é que o sentimento egoísta e a vaidade de poder estar em um patamar superior em relação aos seus semelhantes é, na maioria das vezes, o determinante da conduta individual.

3. Do luxo pernicioso ou da má finalidade

Sobre a discussão em torno do caráter benéfico ou maléfico do luxo, a grande questão está em considerar que grau de dependência ele pode gerar na vida daquele que o persegue. Deste jeito, no *Discurso sobre as ciências e as artes* é possível encontrar mais um ponto de concordância com *A nova Heloísa* no que concerne à relação de dependência e escravidão a que o homem ávido se condiciona:

O luxo tudo corrompe, quer o rico que goza dele, quer o pobre que o cobiça. Não se pode dizer que constitua um mal em si mesmo usar punhos de renda, uma roupa bordada e estojo esmaltado. Mas grande mal é fazer caso dessas bagatelas, considerar feliz quem os possui e consagrar o tempo e o trabalho, que todo homem deve a objetivos mais nobres, para pôr-se em situação de adquirir outras semelhantes (ROUSSEAU, 1999, p. 255).

A passagem do *Primeiro discurso* denuncia o mal que o luxo pode ocasionar quando utilizado de maneira errada e desmedida. Embora Rousseau admita que o luxo não constitui um mal em si mesmo, nessa obra não se pode notar uma tentativa em definir e nomear as diferentes naturezas do luxo. Notadamente, em pelo menos uma década depois, é que o genebrino apresenta sua constante crítica à política do luxo com um tom mais cuidadoso, não condenando sem antes desenvolver uma distinção dentro de si próprio. Rousseau quer deixar claro que não refuta o bem-estar e a abundância que o proporciona, pelo contrário, estes são elementos bem-vindos desde que acompanhados pelo equilíbrio e a moderação próprios da simplicidade: “A mesa assinala a abundância geral, mas essa abundância não é ruínosa, nela reina uma sensualidade sem refinamento, todos os pratos são comuns mas excelentes em sua espécie, seu preparo é simples e contudo delicado” (ROUSSEAU, 1994, p. 470). A observação de Saint-Preux sobre a mesa dos Wolmar revela a preocupação em aproximar os conceitos de *simplicidade*, de *comum* com o de *abundância* e *bem-estar*. A harmonia presente na casa dos Wolmar está em estreita relação, não com a riqueza das coisas, mas, sobretudo, na forma simples com que são dispostas: “tudo é mantido com um cuidado que indica que não se está abaixo da magnificência, mas que ela é desdenhada” (ROUSSEAU,

1994, p. 472). É introduzida aqui uma atenção muito especial à forma com que os bens adquiridos em sociedade devem ser administrados e organizados por aqueles que a eles têm acesso; Saint-Preux, ao mesmo tempo em que assinala o desdém dos Wolmar à magnificência, corrobora que sob a forma de uma boa organização pode-se chegar a uma outra forma de magnificência que não tem nenhuma relação com a cultura do excesso de bens supérfluos e de riqueza: “Ou melhor, magnificência existe, de fato, se for verdade que ela consiste menos na riqueza de certas coisas do que numa bela ordem de conjunto, que indica a harmonia das partes e a unidade de intenção do organizador” (ROUSSEAU, 1994, p. 472-473). Desta forma, se faz necessário esclarecer que ao redor de Júlia se vê instaurada uma filosofia de ordem e organização em que o preterimento do luxo abre caminho em Clarens para a valorização da simplicidade em concordância com o uso das coisas. Conclui-se que o verdadeiro valor dos bens está em sua utilidade em relação a todo um conjunto: “Considerai ainda que a eficácia de cada coisa vem menos dela mesma do que de seu uso e de sua concordância com o resto, de modo que, com partes de pouco valor, Júlia fez um conjunto de grande valor” (ROUSSEAU, 1994, 476). Vê-se, com isso, uma oposição em relação ao luxo magnífico cujo propósito é despertar e assinalar a pompa e o lustro através da exposição de riquezas e superfluidades.

4. O equilíbrio, a organização e o método em torno da frugalidade

Em Clarens, diferentemente, preza-se pelo cultivo de uma vida frugal capaz de conciliar o comedimento e a abundância, o requinte e a simplicidade com o intuito de tornar mais harmoniosa e feliz a vida em sociedade. Da mesma forma que no estado de natureza, a postura frugal do homem primitivo foi importante para que não vicejasse um estado de guerra por conta da disputa pela satisfação das necessidades básicas³, no estado civil, Rousseau demonstra em Clarens que a frugalidade se torna responsável pela harmonia e equilíbrio sociais. Desta maneira, a postura frugal é identificada com um agir comedido, sempre buscando um equilíbrio em que se possa ser feliz com o mínimo possível, sem incorrer no erro do excesso. Tal atitude é responsável por uma melhor distribuição de bens em sociedade, pois uma vez que não haja exageros por parte de algumas pessoas, não coexistirá, outrossim, a escassez em outros âmbitos. Com isso, a frugalidade pode ser definida como a moderação reinante em Clarens, que faz com seus habitantes vivam somente com

³ No que concerne à escassez de recursos para sobrevivência dos homens no estado de natureza, na visão de Jonathan Wolff, Rousseau resolve esse problema atribuindo ao bom selvagem uma postura frugal quanto à satisfação de suas necessidades: “Rousseau tenta evitar esse tipo de problema supondo que o homem selvagem tem desejos frugais e, para a satisfação desses desejos, é mais provável que obtenha os bens caçando ou recolhendo do que tirando aos outros” (WOLFF, 2004, p. 45).

os bens básicos para serem felizes e para sanarem suas necessidades imediatas.

A própria igualdade⁴ atribuída na comunidade descrita deve ser concebida como uma ordenação de pessoas felizes com seu estado, onde não existam aqueles que se fartem de bens desnecessários às custas da miséria de outros. O mal do luxo magnífico ou do supérfluo reside na desigualdade na qual está arraigado; isto é, há um repúdio manifesto a todo aquele que ostenta a abundância e ignora a miséria alheia. Há uma lei internalizada que não permite a quem quer que seja gozar bens supérfluos como um homem de bem enquanto todos ainda não tiverem suas necessidades básicas atendidas⁵: “enquanto alguém não tiver o necessário que homem de bem tem o supérfluo” (ROUSSEAU, 1994, p.210). Isso demonstra a profunda associação do luxo com a desigualdade; uma vez que enquanto houver o cultivo de superfluidades haverá quem padeça por falta de necessidades básicas para sua manutenção. Desta forma, em hipótese alguma, em nenhum momento, o luxo magnífico poderá gozar de aceitação pelo julgamento do homem sensato. É por esse motivo que nas comunidades rurais descritas pelo genebrino pode ser constatada uma forte preocupação em descrever a refutação de suas personagens simples à produção de despesas vãs e desnecessárias: “continuarei a viver a meu modo e não serei tentado a usar em despesas vãs o excedente de minha manutenção” (ROUSSEAU, 1994, p.210). Há uma visível semelhança na filosofia de se optar sempre pela satisfação das primeiras necessidades, pregada no romance, com a idéia do homem primitivo que tinha da mesma forma o mesmo hábito. Todavia, cabe estabelecer neste ponto uma diferença fundamental no que concerne a essa aparente semelhança; o homem no estado de natureza não se relacionava socialmente com outros indivíduos semelhantes a si, e satisfazia suas necessidades guiado tão somente por um sentimento natural e imediato de sobrevivência. Por sua vez, em *A nova Heloísa*, o protagonista é o sujeito produto da educação social, fruto do contato com seus semelhantes e, portanto, oriundo, por simples que seja, de um meio em que impera o diálogo e, conseqüentemente, elementos próprios da reflexão. Saint-Preux confirma isso ao atribuir seu discernimento em relação às suas necessidades a Júlia: “Tu mo ensinaste, minha Júlia, as primeiras necessidades ou pelo menos as mais sensíveis são as de um coração beneficente” (ROUSSEAU, 1994, p. 210). Veja-se bem que há grande diferença na

4 É muito importante que fique bem claro que em Clarens não existe a igualdade de bens e fortuna; o que se pode chamar igualdade é o fato de senhores e servidores viverem felizes dentro de sua condição. Starobinski ressalta bem isso: “Na alegria geral, parece que reconquistamos a igualdade das origens”. (STAROBINSKI, 1991, p. 108-109). Contudo, é esclarecida essa suposta aparência: “Pois comumente Clarens não conhece a igualdade natural dos primeiros tempos” (STAROBINSKI, 1991, p. 108).

5 Bernard Guyon atenta para o caráter preferencial de denúncia às injustiças e ao excesso presente na obra de Rousseau: “Ces travaux d’érudition, précieux pour l’historien des idées, le son beaucoup moins pour le psychologue ou pour l’historien de Jean-Jacques. Sans doute permettent-ils de contrôler des affirmations, de dénoncer des oublis, des excès, des injustices, mais des enquêtes de ce genre ne sauraient être exhaustives”. (GUYON, 1964, p. 1472).

frugalidade presente, por exemplo, em Clarens, e aquela vivida pelo homem selvagem descrito por Rousseau. A pequena comunidade dos Alpes pertence ao estado civil e, embora rústica, de forma alguma pode prescindir de uma moralidade; algo completamente ausente no estado de natureza. Com isso, fica bem explícito que o que leva os habitantes da pequena fazenda a sustentarem sua vida pautada nos parâmetros da frugalidade é a consciência de terem encontrado uma melhor solução para se viver bem em um corpo social. A opção por uma vida comedida se deve pela razão de se ver na moderação uma forma de se manter menos dependente dos bens oferecidos pela sociedade. O indivíduo frugal é aquele que precisa de pouco para se satisfazer e, com isso, desfruta de uma maior liberdade, uma vez que não está totalmente subordinado a falsas necessidades. Quanto menos se tem necessidade, menor é a dependência de um homem em relação ao outro. Nesse ponto, o homem civilizado frugal lembra o homem no estado de natureza, pois as poucas necessidades que desenvolve são perfeitamente compatíveis com suas possibilidades de realização. É muito importante que fique claro que essa breve elucidação é apenas para esclarecer que a intenção desta análise não é, de forma alguma, forjar uma possível igualdade entre as sociedades campestres do romance com o estado de natureza, mas fundamentar a crítica rousseuniana ao luxo magnificente e tecer um elogio à forma simples de se viver.

Há que se concordar também que, no *Discurso sobre as ciências e as artes*, se desenvolve a mesma linha de raciocínio de *A nova Heloísa*, ao atribuir ao luxo a emergência de pessoas muito ricas e indivíduos paupérrimos padecendo de privações oriundas do desperdício dos primeiros:

O dinheiro que circula entre as mãos dos ricos e dos artistas para atender às suas superfluidades, está perdido para a subsistência do trabalhador; este não tem nenhuma roupa, precisamente porque os senhores precisam de galões. Só o desperdício dos elementos que entram na nutrição dos homens já é suficiente para tornar o luxo odioso à humanidade (ROUSSEAU, 1999, p. 267).

Todavia, Rousseau tem necessariamente que ser muito mais cuidadoso em sua crítica ao luxo do que o foi no *Primeiro discurso*, uma vez que as principais personagens do enredo tratado possuem uma posição social e financeira de destaque. Desta forma, desenvolver uma crítica ao luxo em meio a uma composição de personagens aristocráticas e burguesas, num primeiro momento, aparece como um desafio digno do já maduro Jean-Jacques. Trabalhar então a crítica ao supérfluo ou luxo tentando defini-lo de modo a não negá-lo totalmente, justificando assim a sua presença em determinados momentos, se constitui uma estratégia lógica e necessária para não incorrer no erro da contradição. Contudo, é preciso deixar claro que a opção em distinguir a utilização benéfica dos

bens adquiridos em sociedade do cultivo de bens inúteis e supérfluos, tem a função menos de justificar o luxo do que demonstrar que é possível sustentar a vida em sociedade sem precisar renunciar seus benefícios. Rousseau, em *A nova Heloisa*, não nega a importância de se fazer uso dos bens fabricados pelo homem moderno, sua crítica incide na forma errônea com que esses são utilizados; como foi explicitado anteriormente, a grandiosidade está na forma e organização e não na riqueza e excesso das coisas. O exagero em adornos e brilho dos instrumentos em nada contribui para aumentar o conforto e bem-estar daqueles que os utilizam. A esse respeito, Saint-Preux observa bem em Júlia seu repúdio aos enfeites das carruagens parisienses e londrinas que servem menos ao conforto dos passageiros do que para fazer aparecer seu brilho aos olhares alheios:

Quando lhes falo dos meios que se inventam diariamente em Paris ou em Londres para dar mais maciez às carruagens, ela aprova suficientemente o fato, mas quando lhe digo até que ponto levou-se o envernizamento ela não compreende mais e pergunta-me sempre se esses belos vernizes tornam as carruagens mais cômodas (ROUSSEAU, 1994, p. 460).

Como descreve o plebeu, a preocupação de Júlia, bem como sua aceitação, residem na questão da utilidade e da necessidade. É unicamente em face do conforto e do bem-estar do transeunte que se pode justificar o luxo das carruagens; de outra maneira, a partir do instante em que não mais se almeja uma necessidade real, ocorre a emergência do supérfluo ou do luxo magnífico. O questionamento do Cidadão de Genebra sobre a natureza do supérfluo se dirige ao leitor na forma de pontos de vista dos diferentes caracteres de suas personagens envolvidas na mesma discussão. Na opinião do ainda jovem amante de Júlia: “uma carruagem não é tão necessária para ser conduzida quanto para existir” (ROUSSEAU, 1994, p. 228). Ora, esse mesmo personagem, como foi visto em sua observação sobre a senhora de Wolmar, já não traz mais consigo a mesma opinião tão radical sobre a utilidade de uma carruagem como foi expresso aqui. Saint-Preux, ao descrever as virtudes da senhora de Wolmar acaba por compartilhar de suas opiniões e passa ter outras perspectivas. Todavia, aqueles que fazem uso de uma carruagem apenas para existir, isto é, para se notabilizar aos outros, ainda estão enquadrados no nada seleto grupo dos que optam pelo luxo magnífico assinalado por Júlia. A proposta para se viver mais feliz e harmoniosamente na pequena comunidade idealizada se desenvolve coerentemente à medida que Rousseau tece sua crítica ao supérfluo e ao mesmo tempo demonstra concretamente como é possível viver sem ele⁶.

⁶ Quanto ao desinteresse de Rousseau pelo supérfluo, Guyon comenta o seguinte: “Avoir subsistance (et par là, la paix, la sécurité) est nécessaire pour être heureux, mais non suffisant. Il faut aussi du superflu. Il faut avoir du ou des plaisirs.

O romance, ao retratar a postura de determinadas personagens, cumpre uma função doutrinária de seu autor, uma vez que se torna capaz de propalar tanto a crítica quanto as possíveis soluções aos problemas levantados em seu conteúdo. Desta forma, mais que uma mera aparente história de amor, *A nova Heloísa* é palco de um debate muito sério sobre a questão do luxo e da frugalidade enquanto temas presentes na filosofia rousseauiana⁷. Desde a administração da casa dos Wolmar à maneira de Júlia se vestir é possível ver elementos importantes para compreender o teor da filosofia do genebrino em questão. Sobre isso, o sempre observador Saint-Preux, ao descrever os gostos da senhora de Wolmar em relação ao vestuário, expõe a opinião do autor em relação ao tratamento da riqueza e do luxo: “A mesma regra impera na escolha dos adereços que, como vedes, não é negligenciada; mas nela só a elegância preside, a riqueza nunca se mostra, ainda menos a moda. Há uma grande diferença entre o valor que a opinião dá às coisas e aquele que elas têm realmente” (ROUSSEAU, 1994, p. 476).

O que torna o homem social mais dependente ainda no estado em que vive é o fato de estar constantemente preocupado com a sua aparência perante seus semelhantes; com isso, o luxo se presta, na maioria das vezes, como um elemento que cumpre a função de despertar a alteridade que inexistia no estado primitivo. Júlia, ao contrário, como pode ser constatado no que tange ao seu vestuário, não manifesta em momento algum o desvelo com o luxo e a riqueza que atraem o olhar de outrem; há sim uma atenção a não incorrer no erro da negligência aliada a uma inclinação em se optar pelo valor e utilidade reais das coisas.

Desta forma, há uma refutação a tudo o que pertence ao domínio da opinião externa, bem como um repúdio à supervalorização das coisas que se dá através da cultura do supérfluo promovida mais por uma questão de moda e conveniência do que pela condição de necessidade verdadeira. Também pode ser salientado o fato de Júlia possuir uma regra para a escolha de seus adereços; o que revela o método racional fundamentado na postura frugal e o caráter reflexivo e consciencioso ao determinar entre o que pode ser bom ou ruim, útil e inútil. Entretanto, não se deve confundir os critérios adotados pela personagem como sinônimo de algum tipo de lei instituída ou exterior. As únicas leis presentes em Clarens não têm nenhuma relação com instituição política; dizem respeito somente à filosofia interior do comedimento e da moderação presente em cada um

Il faut jouir. Mais Rousseau se contente d’esquisser ce développement don til pose les premiers principes et qu’ il développera largement plus loin dans l’exposé sur l’art de jouir” (GUYON, 1964, p. 1652).

⁷ Como demonstra Guyon, *A nova Heloísa* traz em seu conteúdo uma ampla afirmação de valores morais: “La charité: protestation contre les promesses non ténues, contre l’inegalité des fortunes, contre toutes les formes du mépris de l’homme. Exaltation au contraire de certains actes de générosité accomplis avec une exquise délicatesse” (GUYON, 1964, p. 1473).

de seus habitantes. Ao analisar a comunidade descrita por Rousseau é possível constatar a simplificação a que ele conseguiu chegar reduzindo sua trama a um contexto parcialmente afastado das complexidades das cidades. Os habitantes de Clarens tomam suas decisões mediante a consulta de suas consciências e não por conta da coação de leis. Aliás, na comunidade de Júlia, as regras a serem obedecidas são ditadas pelo bom senso e espírito de cooperação. O amor próprio é rejeitado a fim de que se possa viver feliz proporcionando também a felicidade para os demais. Não existe uma outra forma de se buscar o bem estar próprio a não ser possibilitando que toda a comunidade da qual se faz parte possa se beneficiar dos atos praticados por um único habitante. Os habitantes de Clarens obedecem a si mesmos, pois não desenvolvem o desejo de se moldarem de acordo com as regras de conveniência instituídas na cidade de Paris. Da mesma forma, eles têm a possibilidade de serem mais autênticos, uma que não estão obrigados a uma conveniente polidez peculiar dos círculos sociais. O homem ideal de Rousseau então é aquele que não está à mercê das inúmeras leis concebidas na cidade grande, nem se encontra sob o jugo de relações de polidez e conveniências dos cidadãos. A crítica ao luxo magnificante parte da própria disposição frugal interior de cada indivíduo que também sofre a influência dos demais em seu meio⁸, e que compartilham da mesma opinião. Clarens aparece como uma comunidade fechada⁹ que protege seus habitantes do contato com as regras da opinião do mundo exterior. Somente desse modo o homem rústico da região dos Alpes pode viver socialmente sem se deixar submeter às opiniões de outrem e guiar-se por regras mais seguras renunciando aos falsos valores do luxo e da fortuna: “é preciso guiar-se por regras mais seguras e renunciar aos valores quando o mais vil de todos é o único que leva à fortuna” (ROUSSEAU, 1994, p. 466). Uma vez que o cultivo do supérfluo tem como base a ostentação e a cobiça e, amiúde, se pretende fazer notabilizar pelos elogios e opiniões externas, o ideal de frugalidade proposto por Jean-Jacques pretende estabelecer, através dos exemplos de seu texto, regras que prescindam de leis instituídas, e que possam mesmo assim reiterar os verdadeiros valores próprios da simplicidade e do comedimento.

5 Considerações finais

A distinção do luxo magnificante em relação aos bens úteis adquiridos em sociedade

⁸ Em Clarens, a influência do olhar alheio não se manifesta como algo ruinoso, como ressalta Starobinski: “a partir daí, não sofrem solidão nem servidão; sua existência pessoal é justificada e sustentada pelo reconhecimento de outrem, fundada em uma benevolência unânime. Vivem sob os olhares uns dos outros; constituem um corpo social. Assim, em *A nova Heloísa*, Julie percebe o círculo de seus amigos como uma parte de seu ser” (STAROBINSKI, 1991, p. 95-96).

⁹ Sobre o caráter fechado de Clarens, pode ver em *A transparência e o obstáculo*: “Clarens é precisamente uma ilha, um refúgio, um jardim fechado, uma pequena comunidade estreitamente concentrada na felicidade que soube inventar” (STAROBINSKI, 1991, p. 112).

representa, no texto de *A nova Heloísa*, um importante elemento para se compreender a contribuição rousseauiana à questão da crítica ao luxo e o elogio à frugalidade. Isso porque é de suma relevância compreender que o genebrino não negou veementemente a eficácia do luxo na sociedade; sua refutação deve ser entendida, sobretudo, como uma crítica aos bens inúteis e não propriamente ao luxo. Este só goza de reprovação quando se constitui em algo supérfluo, isto é, quando não possui uma utilidade imediata. É de suma relevância compreender que Rousseau considera inútil tudo aquilo que se presta a alimentar uma necessidade oriunda da vaidade do indivíduo corrompido. Ou seja, alguém que manifeste o desejo de possuir determinado bem com o único intuito de ostentá-lo a seus semelhantes, não possui uma necessidade útil como aquele que deseja um alimento para satisfazer sua fome ou um remédio para sanar suas feridas. Desta forma, há uma associação do que pode vir a ser útil e inútil com a boa ou má intenção manifestada por aquele que concebe o desejo de possuir.

Referências:

GOULEMOT, Jean M. “Présentation et Notes”. *La nouvelle Héloïse*. Paris: Librairie Générale Française, 2008.

GUYON, Bernad. “Notes”. *Julie ou La nouvelle Héloïse*. Paris: Pléiade, 1964. (*Oeuvres Complètes*).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *Discurso sobre as ciências e as artes*. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *Júlia ou a nova Heloísa*. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. Campinas, SP: Educamp/Hucitec, 1994.

_____. *Julie ou La nouvelle Héloïse*. Paris: Garnier-Flammarion, 1967.

_____. *Julie ou La nouvelle Héloïse*. Paris: Pléiade, v. II, 1964. (*Oeuvres Complètes*).

STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

WOLFF, Jonathan. *Introdução à filosofia política*. Tradução de Maria de Fátima St. Aubyn. Lisboa: Gradiva, 2004

Considerations about the luxury and the frugality in Rousseau

Abstract: The society and your artifices are seen by Rousseau as obstacles for the full accomplishment of the ideals of the individuals' happiness. It is in the simple life that a possibility exists of reducing the discomfort caused by an existence predestined to the confrontation with the society state and, consequently, it is in the refutation of the luxury and of the superfluous that is the harmony possibility. In your romance *La nouvelle Héloïse* is possible to observe your conception on a new way of confronting with the material goods offered by the human civilization with more conscience. In the community of Clarens that Rousseau presents, the luxury is substituted by the frugality and the men's wealth takes place in a moral level and it is probably confirmed as the only way of looking for the true happiness.

Keywords: Superfluous; Luxury; Wealth; Frugality; Moral.

Data de registro: 19/06/2012

Data de aceite: 05/09/2012